

# Economistas acham que país deve adotar Plano Austral

Cecília Costa

**Vitória** — O crescimento econômico de 6% ao ano, com inflação estável em 200% ao ano, não é um fenômeno auto-sustentável, podendo ser abortado a curto ou médio prazo, seja por um choque externo, financeiro, político ou pelo recrudescimento da inflação, afirmaram economistas de várias correntes durante painel de debates realizado no 3º Encontro Nacional de Economia, quinta-feira à noite, no Hotel Porto do Sul.

Em consequência, chegará um momento em que para estabelecer bases mais seguras para o crescimento econômico do país e para controlar a inflação, o governo brasileiro terá de adotar um plano semelhante ao da Argentina — o Austral, não importando se será denominado de ortodoxo ou heterodoxo ou apenas de “dia D” (o dia em que serão sincronizados todos os reajustes de salários, preços, câmbio e a correção monetária será abolida). Um primeiro passo nesse sentido, observaram, foi, sem dúvida nenhuma, a criação de um índice único, com a transformação do Índice Nacional de Preços Ampliado do IBGE (IPCA) em indexador da economia e indicador da inflação.

## Pressões externas e internas

Participaram do painel de debates sobre a conjuntura econômica brasileira Paulo Guedes, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), Décio Munhoz, da Universidade de Brasília, Carlos Longo, da Universidade de São Paulo, Winston Fritsch, da PUC do Rio de Janeiro,

e Ieda Rorato Crusius, da Universidade do Rio Grande do Sul. A análise que fizeram da economia e dos efeitos do pacote fiscal — que pretende realizar uma redução de Cr\$ 140 trilhões no déficit de caixa de Cr\$ 211 trilhões — foi bem divergente. Mas todos chegaram à conclusão de que mais cedo ou mais tarde, por razões diferentes, o Brasil terá de adotar um plano econômico como o Austral, se quiser corrigir os desequilíbrios internos da economia e reduzir a inflação.

Para Winston Fritsch, o que coloca em risco o ritmo atual de crescimento econômico é a dívida externa e o problema cambial. Segundo o economista da PUC do Rio, “o crescimento de 6% está mais ou menos garantido para um ano e meio, mas posteriormente o constrangimento cambial deverá exercer efeitos perversos sobre a economia brasileira. A taxa de crescimento da economia norte-americana, pelo que tudo indica, tende a se reduzir, o que diminuirá a taxa de expansão das exportações brasileiras. A partir do pior desempenho da economia norte-americana, informou Fritsch, já se prevê que a economia dos países desenvolvidos como um todo, em 1986, tende a crescer, na melhor das hipóteses, 3% e o comércio internacional, apenas 4%. O crescimento das exportações brasileiras deve ficar em torno de 8%, sendo que as importações tendem a aumentar.

Carlos Longo, especializado em assuntos fiscais, considera que o verdadeiro nó da economia brasileira está no lado interno e na questão financeira. Ele informou que o déficit total previsto para o ano que vem — Cr\$ 321 trilhões, caso se acrescente aos Cr\$ 211 trilhões o déficit das empresas estatais — se transformaria em um superávit

de 3%, caso dele fossem descontados os encargos com juros da dívida interna e da dívida externa. Sobre juros, comentou ainda que o governo espera reduzir o déficit em Cr\$ 35 trilhões apenas com a queda interna das taxas, o que só pode ser um desejo e não uma expectativa racional (mero *wishful thinking*) pois não há nada a indicar que os juros possam cair ainda mais no mercado interno.

Na opinião de Longo, devido à questão financeira, não há o que possa ser feito contra a inflação no Brasil, a não ser uma reforma monetária nos moldes da Argentina.

## Pacote e um pacotinho

De acordo com Paulo Guedes, dirigente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, o Brasil está vivendo, no momento, uma euforia por vir atravessando um ciclo de crescimento econômico absolutamente instável e temporário. O governo fala em crescimento de 7% por dois ou três anos e em inflação estável de 200%, mas se esquece que “crescimento econômico sustentado e ciclo de crescimento são fenômenos diferentes”.

Na opinião dos economistas existem duas hipóteses para o futuro da economia brasileira: na primeira delas, a inflação tende a subir em 1986, devido ao choque agrícola (safra ruim) e à recuperação das tarifas do setor público, mas não explodirá, ficando em torno de 250%, em vez de 300%, pois o pacote tributário “sentou em cima da inflação”. A segunda hipótese, mais desfavorável, é a de que haveria em 1986, devido à pressão da escassez de alimentos e de custos, um descontrole monetário e fiscal e que o pacote teria vindo tarde demais. Aí, a saída seria um

choque heterodoxo, pois a possibilidade de choque ortodoxo já está descartada, com o Fundo Monetário Internacional estando atualmente muito distante.

O que Guedes acha a respeito do pacote tributário é que, na realidade, deverá se tornar um **pacotinho** com a elevação imprevista da inflação, pois com isso o déficit de Cr\$ 211 trilhões passará para Cr\$ 280 trilhões, sendo que a redução de Cr\$ 35 trilhões a partir da queda dos juros é apenas um dado mágico.

Ieda Crusius rebateu Guedes, tendo considerado sua conferência muito pessimista. Lembrou que era a primeira vez, nos últimos anos, que se realizava um encontro de economistas (do qual participaram cerca de 400 pessoas) em período de crescimento econômico e recuperação real de salários, enquanto que nos eventos anteriores se previam catástrofes. Para ela, a dívida externa é o problema maior, pois o lado interno está mais favorável, com as empresas privadas prontas para decolar, ou seja, a investir e a garantir o crescimento. Mesmo assim, a economista gaúcha admite que, se a longo prazo o crescimento econômico é um dado evidente, a curto prazo há o perigo de explosão inflacionária e redução no ritmo de expansão industrial, por choque externo, choque político, que engrossaria o nó institucional, por se tornar insuportável a convivência com a inflação.

Décio Munhoz também disse estar preocupado com a inflação e com a retomada do crescimento, pois o risco de que o processo seja abortado é grande, é por isso que está sendo colocada a possibilidade de um choque “a la Argentina”.